

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar a afetividade humana, no campo docente. O trabalho teórico será fundamentado pela leitura reflexiva e as percepções advindas de tais análises. A abordagem interpretativa será alicerçada na fenomenologia. A pesquisa será sistematizada em dois eixos. O primeiro abordará a educação afetiva, mostrando que é preciso primeiro atingir o educando com acolhimento, afeto e respeito à individualidade e às diferenças de cada um. O segundo trará as considerações sobre o amor. Os diversos significados dessa palavra, suas características e as implicações no universo da educação formal e informal. Trataremos sobre a importância do vínculo afetivo entre docente e discente. A reflexão abordada será na atuação docente e focará no desenvolvimento integral do ser humano, pois acreditamos que esta é uma importante, se não visceral, ferramenta acadêmica para que possamos alcançar o intelecto do alunado por meio do acolhimento afetivo. Apontaremos o valor de aprendizagem que seja norteada por vínculo afetivo entre docente e discentes. Desta feita o intento é evidenciar como esse vínculo afetivo, bem como o acolhimento às diferenças, instiga, de forma positiva, o processo ensino-aprendizagem. Buscaremos constatar que o afeto e o respeito à individualidade e às diferenças está interligado - para quem aprende, assim como para quem ensina. A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

PALAVRAS-CHAVE: Docência - Afetividade - Acolhimento - Diferenças - Processo Social.

ABSTRACT

This article aims to analyze human affectivity in the teaching field. The theoretical work will be based on the reflexive reading and the perceptions coming from such analyzes. The interpretative approach will be grounded in phenomenology. The research will be systematized in two axes. The first will deal with affective education, showing that it is necessary first to reach the learner with acceptance, affection and respect for individuality and differences of each. The second will bring the considerations about love. The different meanings of this word, its characteristics and the implications in the universe of formal and informal education. We will deal with the importance of the affective bond between teacher and student. The reflection will be on teaching and will focus on the integral development of the human being, because we believe that this is an important, if not visceral, academic tool, so that we can achieve the intellect of the student through affective acceptance. We will point out the value of learning that is guided by an affective bond between teacher and students. This way, the intention is to show how this affective bond, as well as the reception of the differences instigate, in a positive way, the teaching-learning process. We will seek to see that affection and respect for individuality and differences are interconnected - for those who learn, as well as for those who teach. Education is a social process, it is development. It is not the preparation for life, it is life itself.

KEY WORDS: Teaching - Affectivity - Reception - Differences - Social Process.

¹ Graduada em Letras pela Universidade do Vale do Paraíba - UNIVAP, São José dos Campos, São Paulo; Pós-Graduada em Língua Portuguesa - Leitura e Produção de Textos pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, Campinas, São Paulo. nilcehlmt@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade contemporânea, o papel da afetividade tem sido largamente discutida, dada sua singularidade, as prerrogativas sociais, culturais e educativos - de se trabalhar com ela - são imensuráveis. O papel do educador como orientador dos saberes e edificado pela premissa da afetividade não irá solucionar os problemas da educação já existentes, mas poderá contribuir significativamente no processo de ensino-aprendizagem dos educandos em todas as modalidades de ensino quando for pensada em uma dimensão educativa adequada.

De acordo com Paulo Freire (1967), a educação tem a função de conscientizar, de abrir a mente, de libertar, instigando os seres a refletir sobre suas ações, para que conquistem seu lugar de protagonistas de suas próprias histórias - sabido que a vida é um processo dinâmico. O ser humano é um vir a ser em constante construção. A atuação docente está focada no desenvolvimento integral do ser humano. Não se pode atingir o intelecto sem o acolhimento afetivo.

Conforme Fernandez (1991, pág. 160): “O ato de aprender transcorre no seio de um vínculo humano amoroso.” O objetivo desse artigo é mostrar como o vínculo afetivo e o acolhimento às diferenças influenciam de forma positiva no processo ensino-aprendizagem.

O tema Docência e Afetividade será desenvolvido através de uma pesquisa descritiva, analisando obras de vários pensadores das áreas da educação, filosofia e psicologia.

Para este artigo a metodologia será abalizada em pesquisas bibliográficas, de cunho teórico e interpretativo, concebendo um processo de observação para a atuação docente, objetivando propiciar ao docente construir, junto ao discente, uma ponte afetiva para que ambos façam uma ressignificação do ato de ensinar/aprender, discernimento dos conflitos, para que os envolvidos ultrapassem estas barreiras - distanciamentos - e os possíveis entraves que possam advir no processo de ensino-aprendizagem, ocasionando, dessa feita, uma discrepância nos processos cognitivos.

O trabalho teórico será fundamentado pela leitura reflexiva e as percepções advindas de tais análises. A abordagem interpretativa será alicerçada na fenomenologia, à medida que esta é subjetiva numa situação de aprendizagem socialmente construída.

A pesquisa está sistematizada em dois eixos. O primeiro abordará a educação afetiva, mostrando que é preciso primeiro atingir o educando com acolhimento, afeto e

respeito à individualidade e as diferenças de cada um. O alunado precisa primeiramente ser despertado para os valores essenciais da vida.

O segundo trará as considerações sobre o amor. Os diversos significados dessa palavra, suas características e as implicações no universo da educação formal e informal. Trataremos sobre a importância do vínculo afetivo na relação entre aquele que aprende àquele que ensina. Para amar o educando, o educador precisa ser uma pessoa integrada consigo mesma; conhecedor de seus limites e suas potencialidades para que possa despertar no alunado a construção de sua identidade, de autoestima e do protagonismo.

1. EDUCAÇÃO AFETIVA

De acordo com Cury (2003), o melhor educador não é o que controla, mas o que liberta. O bom profissional da educação não é o que aponta os erros, mas sim o que intervém e previne. Bem como não é o que corrige comportamentos, mas o que ensina a refletir, ponderar e ser um multiplicador. O educador não enxerga o - tangível aos olhos, mas sim o que vê o invisível. O docente não é o que se desliga frente a um aluno ou grupo de alunos com dificuldades aprendentes, nem permite que seu alunado desista, frente às adversidades da aprendizagem, mas vem a ser o que estimula a começar tudo de novo nesse processo, o que oportuniza a quebra das resistências e das relutâncias.

Portanto, o desafio do educador é buscar metodologias adequadas ao seu trabalho docente, e este possa ser diferenciado dos demais, como coadjuvante, garimpando e ampliando os conhecimentos trazidos pelo educando e descortinando elementos que auxilie o processo de aprendizagem.

A ação de educar demanda uma postura reflexiva frente às necessidades primárias do ser humano. O homem requer, além dos cuidados básicos de saúde, alimentação e higiene, orientação, atenção, proteção, segurança, amparo, dedicação e amor. Esses são elementos que fazem a diferença na formação integral do ser.

As classes de aulas, desde o ciclo infantil até mesmo na graduação, estão cheias de alunos com dificuldades em assimilar os conteúdos curriculares porque não conseguem administrar as carências experienciadas. E visto que as emoções bloqueadas orquestram também o intelecto, terminam por impedir o crescimento harmônico do ser humano que, cerceado em sua sensibilidade, não consegue sair da ignorância primeval.

Visto que somos modelados por nossas experiências de vida, a ausência de diálogo, de afeto, de atenção gera um vazio que o ser humano não sabe como preencher.

E o discente ao chegar às instituições de ensino não encontrar um ambiente significativo, divagar-se-á em seus pensamentos, e, naturalmente, não conseguirá reter as informações, pois não estará centrado naquele ambiente de aprendizagem.

É de suma importância na ação educativa o educador ter um olhar acolhedor e afetivo para seus alunos.

Conforme o discurso de Chalita:

Em qualquer relacionamento, seja ele qual for, estamos diante de outro eu, já que todos os seres humanos são iguais, em essência. Assim, qualquer sentimento, interesse ou opinião, em suma, qualquer motivação na direção da outra pessoa, só pode existir se somos capazes de ter, em relação a nós mesmos, as mesmas disposições. Por exemplo, como poderíamos fazer alguma coisa boa para alguém se não tivéssemos o conhecimento por experiência, ou o desejo, de que aquilo é bom para nós? Isso seria impossível. Por isso uma pessoa só pode ter amor por outra, ser um verdadeiro amigo, se for capaz de amar a si mesma. (CHALITA, 2003, p. 185):

A formação do docente também visa à capacitação para a busca constante do autoconhecimento, possibilitando-lhe assim penetrar melhor no mundo de seu aluno e desta feita procurar estabelecer um vínculo de confiabilidade e de afeto.

A aprendizagem dá-se por etapas, requer concentração, e esta, por sua vez, dá-se de forma efetiva à medida que o aprendiz tem interesse. O interesse pode ser despertado pelo conhecimento da individualidade de cada educando. É trivial pais e educadores, de antemão, exigir eficiência de resultados quantitativos dos filhos e educandos. Entretanto, quando esse desempenho não é satisfatório, logo, contaminam a mente dos jovens com mensagens negativas - *Você é indolente, não tem interesse pelos estudos, está brincando muito*. Quando não amedrontam com alguma ameaça, a exemplo – “Se não estudar e tirar boas notas não irá ganhar de presente um Xbox”, diminuindo assim, a autoestima. Em alguns casos, só depois de muito sofrimento os responsáveis procuram ajuda e encaminham o educando com dificuldade de aprendizagem para um acompanhamento especializado a fim de obter um diagnóstico.

Segundo Içami Tiba, 2011:

É preciso que o professor dedique aos alunos que vem à escola uma simpatia equivalente ao amor dadivoso que os pais sentem pelos seus filhos. Os alunos têm de se sentir acolhidos, pelo professor. Já não é fácil ir à escola, e tudo piora se ele for recebido por professores indiferentes. O professor tem de olhar para além das dificuldades [...]. Em geral o aluno que tem autoestima baixa é o que dá mais trabalho para aprender. Um bom professor sabe que sua atitude será determinante para moldar o futuro desse aluno, tornando-o um cidadão ou um excluído social.(TIBA, 2011, p. 48).

Um grande aliado do profissional da educação é o amor e suas possibilidades afetivas. Em primeira instância, nossa profissão requer competência nas virtudes humanas do mesmo modo que são imprescindíveis as competências acadêmicas. O bom

profissional vem a ser o que se realiza em seu ofício e sente-se feliz porque consegue fazer outros felizes. A felicidade não é genérica, brota-se do interior de cada ser humano. Somos semelhantes em espécie, contudo cada ser humano tem uma identidade própria. E tais peculiaridades possuem necessidades e gostos diferenciados, características próprias que carecem de ser levadas em conta na hora da sistematização da aprendizagem. Cada um tem um ritmo próprio e estratégias diferentes na construção de conhecimentos.

O professor que se ama, valoriza-se e torna-se um ser mais criativo. E quanto mais criativo for, mais estará aberto para a percepção da natureza do outro; captando assim, os estados de ânimo: alegria, tristeza, dor, vazio, entre outros.

É preciso um resgate da educação. Estamos na era da tecnologia, da comunicação virtual, do descartável. A web 2.0/3.0 e a informática estão em alta como ferramenta da educação, porém o que elas não nos possibilitam é a magia do afeto. Meu intuito aqui não é desmerecer os computadores e a Internet, visto o quão benéficos são para o desenvolvimento de algumas áreas da inteligência, como afirma Cury (2003, págs. 163,164), “Um computador não critica, não rejeita, não pressiona, não provoca ansiedade ou frustrações existenciais, enfim, não estimula o sistema ‘autoimune’ da psique”.

Nossos alunos estão, progressivamente, isolados em seu “mundo virtual” e carentes ao extremo de colo, de abraço, de carinho, e são marcados por carências socioeconômicas, afetivas e culturais. É indispensável ensinar aos jovens que a vida é um contrato de risco, levá-los a compreender que há um mundo lá fora diferente do espaço controlado das salas de aula e da casa. Pais e educadores carecem de união na arte de orientar, pois viver é administrar a si próprio na arte de saber refletir/ponderar, ouvir, entender, reconhecer medos, desejos, impulsos, fragilidades e potencialidades intencionando organizar desde cedo um projeto pessoal de vida que favoreça o seu bem estar e o de quem está ao seu entorno, visando uma integração social.

Educar é desbravar caminhos, é mostrar que todos nós temos um papel específico na sociedade. “Educar é a tarefa intelectual mais fascinante e, ao mesmo tempo, a que mais revela nossa impotência”, afirma Cury (2003, pág. 38). Diante dessa cultura permissiva, educar embasado em valores afetivos parece que é coisa do passado. Carecemos de inovação, é claro, todavia não podemos perder de vista a essência que transcorre a dignidade da figura humana. Devemos dar o melhor de nós na educação, mas devemos estar convictos de que não fabricamos a personalidade dos

nossos alunos, apenas a influenciamos. Quem não quer correr riscos está inapto a educar.

A questão fundamental é a influência que o docente, de qualquer área, possui com relação ao discente. Nós somos formadores de opinião e, com isso, nossas atitudes são extensões da proposta de educar. Portanto, a formação continuada não pode deixar de ser desenvolvida. Quando um educador busca aperfeiçoamento constante, ele torna-se mais motivado, mais criativo e exerce a sua profissão com mais afetividade e amor.

O amor não nasce da assimilação de conteúdos, não brota da razão, o amor nasce e cresce de um processo de empatia, de identificação. Para educar com afetividade é preciso ser apaixonado pela educação e pelo processo de desenvolvimento do ser humano. Como nos relata Içami Tiba:

Todos nós queremos fazer o que a pessoa que gostamos e admiramos faz. No entanto, a motivação que mais funciona não é a estimulada pelos outros, mas a que vem de dentro da própria pessoa como um desejo de realização. Qualquer pessoa fica satisfeita quando consegue o que queria. Essa satisfação por si só inspira a motivação para querer mais. (TIBA, 2011, p.82).

Os profissionais da educação deveriam ter em sua formação e ou especialização aulas do conhecimento específico da área escolhida, bem como noções gerais de como o ser humano reage a estímulos acadêmicos. Desta forma a sensibilidade do professor é algo extremamente importante no sentido de perceber e respeitar o ritmo de cada aluno. Por isso é imprescindível que ele valorize os conhecimentos prévios destes, para tornar-se um docente solidário e parceiro na construção do conhecimento do discente.

Além disso, é importante salientar que - a escola - deve estar atenta a toda a diversidade de alunos, posto que toda a heterogeneidade social seja atendida pela escola no geral. A escola deve considerar essa diversidade como uma riqueza, e nunca como um problema para o sucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Na ocasião, que se inicia o trabalho específico de cada classe, é importante identificar, dentre os alunos, os diferentes graus de conhecimento sobre determinados conteúdos e saberes. É adequado que esse processo se faça por meio de um diagnóstico criterioso - que orientará as futuras intervenções de acordo com as características das turmas e níveis de conhecimento de cada aluno.

O ser humano é um vir a ser. A cada dia ele evolui, ele se autodescobre e, neste processo, se surpreende com suas potencialidades, tanto e quanto com suas limitações. Não se pode perder de vista que o conhecimento não é um produto acabado, encontra-se permeado de conceitos e preconceitos, de revelações e releituras.

Dentro desse panorama podemos estabelecer uma relação mais estreita com o indivíduo, e assim considerar que sua aprendizagem poderá ser mais significativa, visto que estaremos ajudando-o a construir uma identidade alicerçada na afetividade do amor. E quando se fala de amor temos que entender os vários tipos de amor e quais se relacionam na área da educação.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR

Para Platão o amor comparava-se a uma caçada, e tal comparação se aplicava também ao ato de conhecer. Ele distinguia três tipos de amor: o amor terreno, do corpo; o amor da alma, que leva ao conhecimento e o produz; e o terceiro seria a mistura dos dois. Em todo caso o amor, em Platão, é o desejo por algo que não possuímos. Já para Chalita (2003, pág. 42), a palavra amor vem do latim *amor* que quer dizer “amizade, dedicação, afeição, ternura, desejo grande, paixão, objeto amado. O verdadeiro amor implica em ajudar-se, reduzir as tensões, favorecer o que une e não o que divide.

Quanto mais intenso for o amor de uma pessoa mais ela terá o poder de atrair a pessoa amada para si. Desta feita, a primeira tarefa do docente é demonstrar ao discente algumas ferramentas para que ele se reconheça como uma pessoa amada. Nesta fase, amar a si mesmo é pré-requisito para amar o outro; ser responsável pelas próprias ações, emoções e atitudes é a primeira etapa do verdadeiro autoconhecimento. Construir relações transparentes e permanentes é necessário para sermos tudo o que somos; e a real satisfação vem da dinâmica e da habilidade de ser flexível e correr riscos diariamente.

John Powell, 2002, já apregoava que visivelmente há três partes do amor que o docente deveria compartilhar com o discente e que viriam a ser: a gentileza, o encorajamento e o desafio. E essas partes do todo, de forma geral, engendra-se umas as outras. Ser capaz de amar o alunado é deixar claro que você se importa com ele, que estamos lado a lado nessa construção dos saberes, que estamos comprometidos com nossa função e essa vem a ser a mensagem da gentileza. Estabelecida essa conexão, devemos auxiliar o discente a buscar e usufruir de sua força interna, estimulando-o a refletir sobre suas escolhas, essa vem a ser a tarefa do encorajamento. E por último, mas não menos delicado, vem o desafio. Devemos desafiar nosso alunado a acionar suas habilidades, competências, qualidades e talentos, deixando claro que acreditamos em suas capacidades, mesmo que eles próprios ainda não acreditem.

Esta é uma das missões do professorado, construir uma relação de gentileza, valorizar as qualidades do aluno, encorajar o desenvolvimento de suas potencialidades elevando sua autoestima, tanto e quanto desafiá-lo a superar seus limites. Óbvio que essa não vem a ser uma tarefa tão simples, mas pode ser um caminho que favoreça a autoconfiança e conseqüentemente acrescente força ao desejo de superação. Quem se sente amado quer corresponder ao amor. E uma das formas que o alunado encontra para corresponder ao afeto é empenhar-se ao máximo para responder de forma positiva.

A essência do amor do educador é perpetrada no ato de compartilhar, de ser uma presença significativa na vida do educando, e ao ensinar amorosamente, começará a prestar atenção aos detalhes de cada indivíduo, e de forma lúdica promoverá seu processo de aprendizagem.

Visto desta forma, podemos encarar o amor como forma de estímulo. O aprendiz precisa de um esteio para seguir em frente e com segurança. Ter a afetividade e o amor dos educadores como esteio, poderá gerar estímulos para que vença as questões e os desafios que lhes serão apresentados.

Quando uma pessoa não é amada, ela entra em um processo de autodestruição. Na vida, tudo o que fazemos é uma tentativa de encontrar um acolhimento existencial. Aquilo que me segura como gente: meus valores, minhas convicções. Esses valores vão sendo testados o tempo todo no cotidiano. Em uma sociedade permeada de contravalores torna-se ainda mais desafiador formar com a cordialidade; amar a cada um na sua individualidade e respeitar as diferenças. Como professora creio que essa mudança é viável, é possível, do contrário eu não estaria mais lecionando, pois encaro a educação como um processo contínuo de modificações.

Esperamos que o educando comece com essa abordagem amorosa em refletir sobre si mesmo e sobre os outros. Que ele dê início numa análise de sua conduta, sua postura, seu modo de agir. E são tais ferramentas que irá torná-lo um ser mais virtuoso, como afirma Powell (2002).

O professor também deve cuidar para que seu aluno torne-se consciente daquilo que ele precisa realizar perante a sociedade em que está inserido, das mudanças que precisam ocorrer para que ele vá à luta frente aos seus objetivos.

O alunado está em constante processo de aprendizagem, e para nós orientadores da educação é indispensável apontar caminhos e possibilitar que o discente se coloque a caminho. Na diligência de encontrar sentido para a vida, o ser humano muitas vezes percorre caminhos que levam a diálogos vazios e inúteis. Sozinhos, muitas

vezes, não conseguimos encontrar o rumo certo; mas no diálogo e na abertura com o outro se estabelece novos horizontes. Quando estamos conscientes de que podemos contar com alguém, tudo se torna mais fácil.

É muito importante ter um vínculo na vida. Estar ligado ao outro é instância de vida para o outro. O vínculo impõe a responsabilidade. Vou cuidar mais da minha vida, do meu estudo, do meu aprendizado porque tenho um vínculo e quero oferecer o melhor para aquele que estou vinculado. Portanto a educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.

A educação formal nasceu de uma necessidade: contribuir na averiguação de recursos para a difícil questão do problema da aprendizagem informal. Talvez a necessidade maior, hoje, seja cooperar para a construção de significados.

Consideremos que significado é aquilo que define a estima, o apreço com que recebemos os fatos de nossas vidas, ou seja, os significados que atribuímos a tudo o que existe, nos aproximam ou nos distanciam das coisas, provocando-nos atitudes de neutralidade e indiferença ou interesse pela vida.

O ser humano tem uma capacidade incrível de adaptação. Assim como o cérebro quando lesado, consegue recompor-se graças à plasticidade cerebral; a pessoa que constrói novos significados consegue se transformar; graças a um porto seguro denominado *educação* e que é capaz de ressignificar a existência.

Segundo Powell, 2002, “Em todo ser humano há calor, amor, afeição, mas também há mágoa, raiva, fraqueza. Nós estimulamos e utilizamos um ao outro, depende da nossa abordagem” (John Powell, 2002, p. 30). Os educandos não precisam de profissionais que os impressionem, mas de pessoas que os amem.

Obviamente, o ser humano sabe no seu íntimo que sua vida só poderá ter êxito se ele amar e for amado, se tiver experiência do amor e poder oferecer amor. Sem amor a vida fica insuportável. Sem amor podemos criar grandes obras, ser famosos e admirados, mas não podemos viver realizados. A realização consiste em encontrar o verdadeiro amor e ser portador desse amor.

Conforme nos relata Anselm Grun:

Quando dizemos que uma pessoa é toda amor, não estamos nos referindo ao seu amor pelo cônjuge, namorado, ou namorada. Existe também um amor que se dirige a todos, a todas as pessoas, aos animais, às flores, a uma atividade. Existe o amor ao momento. O amor é evidentemente mais do que estar apaixonado por outra pessoa. O amor significa o cuidado benevolente para com todos. Uma pessoa que é toda amor trata a si mesma amorosamente, toca com carinho as flores no seu quarto, afaga o cachorro que vem ao seu encontro, consegue contemplar a paisagem com amor. Ela irradia um calor e um amor que fazem bem a todos que estão próximos. O seu amor não é artificial. Ela não precisa arrancá-lo da sua agressividade. Ela

compreende as pessoas ao seu redor. Reage com misericórdia e doçura, e dispensa julgamentos duros. (GRUN, 2006, p. 17).

Assim como as pessoas anseiam ardentemente pelo verdadeiro amor, muitas vezes o amor que sentem adoece e se transforma em ódio e ciúme. E desses sentimentos instalados no âmago dos seres gera-se intrincados obstáculos nos relacionamentos (intrapessoal e interpessoal) e, não raro, esses reveses reverberarem na aprendizagem.

Várias teorias acerca do funcionamento psíquico afirmam que nós nascemos com uma tendência nata para a aprendizagem. Neste sentido, basta lembrarmos que iniciamos nossa aprendizagem na mais tenra idade. Aprendemos a mamar, a falar, a andar, a pensar e um número incontável de outras coisas que assegurarão nossa sobrevivência, tornando-nos aptos como seres humanos.

O que vai nos humanizando são as relações que estabelecemos de forma prazerosa e amorosa. Se não for oferecido estímulos e afeto para os bebês eles tendem a não se desenvolverem. Eles podem até sobreviver, porém a insuficiência de estímulos e afetos prejudica a capacidade de desenvolvimento, adaptação e inevitavelmente a aprendizagem.

Grun (2006) assegura que a peculiaridade é uma idiosincrasia que aflora cedo. Aproximadamente, em torno dos três anos já somos aptos a elaborar hipóteses no que concerne a nossa existência. Por conseguinte, a aquisição do conhecimento é um transcurso natural e espontâneo na nossa espécie e se, por ventura, não há um encadeamento, indubitavelmente, há uma razão.

É necessário, portanto, especificar o agente dessa lacuna para que o alicerce da aprendizagem deste indivíduo siga seu desenvolvimento normal. A progressão acadêmica é um processo orgânico, e correndo o risco de ser piegas, pode vir a ser um processo prazeroso.

Em nossa vivência como docente, devemos nos preocupar com as causas da complexidade da aprendizagem, não podemos deixar de investigar as peculiaridades das relações estabelecidas desde a infância, ou melhor, desde a concepção, como nos aponta Anselm Grun:

Muitas vezes não somos aptos para o verdadeiro amor, porque o nosso amor também é determinado por vivências do passado. Na infância, talvez, tenhamos sofrido a experiência do abandono quando precisávamos do nosso pai ou da nossa mãe. Fomos deixados sozinhos no nosso berço enquanto chorávamos por ajuda. Era preciso ganhar o amor dos pais sendo valentes e nos conformando aos seus desejos. Nós nos adaptávamos às suas expectativas. A briga entre os pais era um terreno instável para o nosso amor. Vivíamos em constante medo de perdê-lo, caso os nossos pais se separassem. Os nossos pais nos mostraram um amor que monopoliza; um amor que dá tudo é verdade, mas obriga gratidão. Ou o nosso amor pelos nossos pais foi

ferido, porque fomos ridicularizados na nossa carência de proximidade e afeição. Nossa capacidade de amar é prejudicada por experiências deficientes na nossa história de vida e por estruturas neuróticas que provavelmente carregamos. Por isso, é preciso um longo caminho para aprender o amor maduro. (GRUN, 2006, p. 24)

Também é papel das instituições escolares ajudarem o alunado a percorrer o caminho do amor e suas afetividades. Quando o amor e a afetividade estão ausentes, começam a aparecer os sintomas de alienação e intransigências tão bem conhecidos por nós educadores. Tais sintomas revelam um entrave que sinaliza ‘para alguém que alguma coisa não vai bem’. Se o objetivo é sinalizar, nada mais apropriado de que este prenúncio ocorra na escola. Há crianças que durante anos manifestavam sintomas como enurese - incontinência urinária -, obesidade, anorexia, enxaqueca, alergia, hiperatividade e vários outros, contudo somente quando começaram a fracassar na escola é que se fizeram ouvir. E tais problemas podem perpetuar-se na adolescência e nos jovens adultos também.

O fato é que em alguns casos tais sintomas querem reclamar a insuficiência de atenção e afeto. Talvez pudéssemos convir que o fracasso escolar ou as dificuldades aprendentes seria um amor fracassado. O amor não fracassa porque o ambiente o impede, mas porque ele se desintegra por si mesmo. Muitas tragédias de divórcio mostram como o amor pode terminar dolorosamente e afetar a vida escolar dos filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito deste artigo é levar em consideração a edificação de uma docência afetiva como compromisso social. E a partir das reflexões envolvidas na metodologia de intervenção, contribuir para o esclarecimento das complexidades de aprendizagem, que não tem como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas na instituição escolar, como também na família e outros membros da comunidade, que interferem no processo.

É importante que tenhamos em mente que o trabalho do educador dá-se numa situação de relação entre pessoas. Quanto maior for o vínculo afetivo estabelecido entre docente e discente, mais eficiente será o resultado do trabalho.

O objetivo deste profissional é o de conduzir seu alunado ou a própria instituição a ressignificar o contexto escolar para que o processo de aprendizagem ocorra de forma natural e prazerosa.

O amor e o respeito às diferenças individuais devem ser o fio condutor que norteará o trabalho do professor. Os métodos, as técnicas, todos os recursos são

valiosos, porém muito mais precioso é o caminho que se faz a partir do olhar sincero, do toque carinhoso que atinge o coração.

Problemas de aprendizagem existem e sempre irão existir, o importante é saber que existe um profissional dedicado que possui ferramentas adequadas para fazer as intervenções necessárias e que está aberto para o trabalho em parceria, porque acredita no trabalho em conjunto; e que a integração das diferenças produz a unidade.

Como professores devemos acreditar na mudança, temos que saber que é possível, do contrário não estaríamos ensinando, pois a educação é um constante processo de modificação. Professor não é o que ensina as estruturas, mas o que desperta no alunado a vontade de aprender.

Aprender e ensinar são uma questão que nos remete aos diferentes modelos e estilos de aprender e ensinar em nossas cotidianidades como um fenômeno espontâneo que vivenciamos desde que somos chamados à vida.

A família de hoje precisa refletir mais sobre o seu papel na educação e estruturação da identidade dos filhos. A missão de educar é uma obra de arte que requer desdobramento interior, ou seja, deixar-se conduzir pelo amor oblato (voluntário). Que estudar deve ser encarado como a um campo fértil a ser fecundado.

Há três métodos para ganhar sabedoria: primeiro por reflexão, sendo este o mais nobre; segundo por imitação, que é o mais fácil; e terceiro por experiência e que vem a ser mais amargo.

É pelo estudo reflexivo que o homem conquista e desenvolve as suas faculdades, habilidades e competências. É no seio da família que as crianças aprendem a respeitar as pessoas, a ser gentil com os mais velhos, a ser humilde e simples e não desprezar ninguém, a controlar seus impulsos e administrar bem os sentimentos. Se a família é omissa e rejeita sua incumbência em oferecer uma boa educação, a carência irá se manifestar na ausência de várias habilidades no contexto da vivência escolar e além desta. Portanto os pais deveriam reservar alguns minutos do seu dia e conversar com sua criança a respeito do que ele aprendeu na escola, revisar seu caderno de aulas e auxiliá-lo na realização de suas tarefas de casa, ou seja, integrar-se e manter-se consciente e atuante nessa etapa de vida de seu descendente.

Por outro lado, a escola deve assumir o seu papel. Deve preparar bem seus profissionais para que possam ser pessoas integradas e integradoras; que conheçam suas diferenças e saibam respeitar, amar e trabalhar com as diferenças de seus educandos.

Visto que, se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade mudará.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHALITA, G. B. I. **Os dez mandamentos da ética**: Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2003.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2003.

FERNANDEZ A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1991.

GRÜN, A. **Morar na Casa do Amor**. São Paulo, Loyola, 2006.

POWELL, J. **Por que não viver melhor?** São Paulo, Loyola, 2002.

TIBA, I. **Pais e Educadores de Alta Performance**. São Paulo, Editora Integrare, 2011.